



Georges Canguilhem e a linguística (in)disciplinar: sobre conceitos, descontinuidades e recorrências

Ederson Luís Silveira* e Sandro Braga

Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, 88040-900, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ediliteratus@gmail.com

RESUMO. Este trabalho retorna às proposições de Georges Canguilhem, para endossar os estudos que buscam atribuir-lhe o devido destaque dentro do campo da epistemologia histórica; para isso, inscreve-se como uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa acerca do quadro teórico postulado por esse autor. Se esse nome é considerado na França um dos mais expressivos no campo do estudo da história das ciências, os conceitos por ele estudados podem contribuir, lançando luzes aos modos como compreendemos a forma como os conceitos são mobilizados a partir das descontinuidades inerentes a toda historicidade epistemológica. Nessa direção, cabe aqui refletir de que maneira as teorizações que envolvem termos como ‘conceito’, ‘descontinuidade’ e ‘recorrência’ percorrem os estudos desse autor e como eles podem, hoje, trazer contribuições que auxiliem na dessuperficialização em relação à ciência linguística na atualidade, sobretudo no campo da Linguística Aplicada enquanto campo (in)disciplinar de estudos.

Palavras-chave: rupturas, linguística aplicada, história das ciências, Georges Canguilhem.

Georges Canguilhem and (In)disciplinary linguistics: concepts, discontinuities and recurrences

ABSTRACT. Current paper analyzes Georges Canguilhem’s propositions to endorse the studies that give him due prominence within the field of historical epistemology. The descriptive research with a qualitative approach deals with the theoretical framework postulated by the author. Since Canguilhem is regarded in France as one of the most expressive in the field of the history of science, his concepts may contribute on the manner concepts are mobilized from the discontinuities inherent to all epistemological historicity. It is important to reflect how the theorizing involving terms such as ‘concept’, ‘discontinuity’ and ‘recurrence’ traverse the author’s works and how they may currently help in the de-superficialization of linguistics, especially in the field of Applied Linguistics as an (in)disciplinary field of studies.

Keywords: ruptures, applied linguistics, history of science, Georges Canguilhem.

Introdução

(Re)conhecendo Canguilhem nos caminhos da ciência

Todos sabem que na França, há poucos lógicos, mas que houve um número razoável de historiadores das ciências. Sabe-se que eles ocuparam na instituição filosófica – ensino ou pesquisa – um lugar considerável. Mas talvez se saiba com menos clareza o que foi ao certo, durante estes últimos 20 ou 30 anos, e até para além das fronteiras da instituição, um trabalho como o de G. Canguilhem (FOUCAULT, 2008, p. 352).

Quando em 1985 a revista *Revue de métaphysique et de morale* dedicava um número especial ao filósofo Georges Canguilhem, Foucault apresentou um texto que era resultado da modificação do prefácio que o autor de *A História da loucura* havia escrito para a edição norte-

americana do livro de Canguilhem (2006), *O normal e o patológico*. No texto, que mais tarde seria publicado em uma das edições da coleção *Ditos & Escritos*, intitulado *A vida: a Experiência e a Ciência*, Foucault (2008) apresenta Canguilhem como ‘historiador das racionalidades’, ‘filósofo dos erros’ e dedica seu tributo ao mestre que participou da defesa da tese que originaria um dos mais conhecidos trabalhos sobre a história da loucura já vistos em todos os tempos, seguida de outros títulos não menos representativos, como *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, 2012), *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 1999), *História da sexualidade* (FOUCAULT, 1980, 1984, 1985). Para Foucault, a história do pensamento francês não pode deixar de ter presente a memória e a presença de Canguilhem, já que

[...] esse homem, cuja obra é austera, deliberadamente bem delimitada e cuidadosamente dedicada a um domínio particular em uma história das ciências que, de qualquer forma, não se apresenta como uma disciplina dada a grandes exibicionismos, esteve de certa forma presente nos debates dos quais ele próprio sempre evitou participar. Mas suprimam Canguilhem e vocês não compreenderão mais a grande coisa de toda uma série de discussões que ocorreram entre os marxistas franceses: vocês não mais aprenderão o que há de específico em sociólogos como Bourdieu, Castel, Passeron e que os marca tão intensamente no campo da sociologia: vocês negligenciarão todo um aspecto do trabalho teórico feito pelos psicanalistas, especialmente os lacanianos. Mais: em todo debate de ideias que precedeu ou sucedeu o movimento de 1968, é fácil reencontrar o lugar daqueles que, direta ou indiretamente, haviam sido formulados por Canguilhem (FOUCAULT, 2008, p. 353).

Separando uma filosofia da experiência, do sentido do sujeito (que tem Sartre e Merleau-Ponty como nomes representativos) de uma filosofia do saber da racionalidade e do conceito (representada por Cavallès, Bachelard, Koyré e Canguilhem), Foucault vai caracterizar a segunda, na qual coloca Canguilhem, como sendo aquela que permaneceu ao mesmo tempo a mais teórica, mais voltada para atividades especulativas e mais afastada de interrogações políticas imediatas. Paradoxalmente foi ele quem tomou parte muito direta durante a guerra, tomando partido no combate, “[...] como se a questão do fundamento da racionalidade não pudesse ser dissociada da interrogação sobre as condições atuais de existência” (FOUCAULT, 2008, p. 354). Por outro lado, o mestre também reconheceu os estudos de seu aluno, chegando a remanejar sua teoria à luz da obra de Foucault, como podemos notar pelas palavras de Canguilhem em 1991:

De 1961 para cá, outras obras de Foucault, *Nascimento da Clínica, As palavras e as coisas, História da sexualidade*, em parte ofuscaram a irradiação inicial da História da loucura. Admiro as duas primeiras. Conteí em *O normal e o patológico* o quanto ficara comovido com a primeira. Escrevi sobre a segunda um artigo que só me valeu aprovações. Entretanto, 1961 permanece e permanecerá para mim o ano em que se descobriu um grande filósofo. Eu já conhecia pelo menos dois, que haviam sido meus colegas de estudos, Raymond Aron e Jean-Paul Sartre. Eles não se davam. Tampouco se davam com Michel Foucault. Um dia, porém, os três foram vistos juntos: era para defender uma empreitada sem fronteiras contra a morte (CANGUILHEM *apud* ROUDINESCO, 2007, p. 48).

Sabendo que, como declarou Foucault (2008), a obra mais conhecida e, sem dúvida, mais

representativa de Canguilhem é *O normal e o patológico* (2006), por nela constar uma espécie de panorama da obra canguilheana:

[...] reflexão sobre a vida e a morte; valorização do status de ‘erro’ e da racionalidade na história das ciências; insistência sobre as noções de continuidade e ruptura [...] atualização [...] das relações entre experimentação e conceptualização (ROUDINESCO, 2007, p. 14, grifo da autora).

Tomaremos aqui outro caminho que vai além de especificar a importância da totalidade dos estudos de Canguilhem (se é que é possível, visto o grande número de desdobramentos que ela pressupõe) para utilizar a operacionalização de alguns conceitos apenas.

Desse modo, nas reflexões que aqui pretendemos operar, pretendemos mostrar de que modo as teorizações que envolvem termos como ‘conceito’, ‘descontinuidade’ e ‘recorrência’ percorrem os estudos desse autor e de que modo eles podem trazer contribuições para a dessuperficialização dos modos de perceber a ciência linguística na atualidade, sobretudo no campo da Linguística Aplicada enquanto campo indisciplinar de estudos (MOITA LOPES, 2006).

O conceito, a descontinuidade e a recorrência: (re)atualizações do pensamento de Canguilhem

Neste estudo, consideramos a atualidade do pensamento de Canguilhem a partir de dois autores: Roberto Machado e Vera Portocarrero. Ambos os autores mencionados trazem contribuições significativas sobre a atualização dos estudos canguilheanos. Neste contexto, Machado (1982) visa destacar as especificidades da história epistemológica de Canguilhem, não propondo uma exposição geral sobre a epistemologia, mas uma análise por meio dos principais representantes desse tipo de filosofia e história das ciências. Assim, é Canguilhem, o epistemólogo, de quem Michel Foucault se sente mais próximo, de quem o autor de *A História da loucura* (1978) reconhece ter aprendido que a história das ciências deve ser conceptual. Diferente de Foucault, encontramos em Canguilhem uma unidade metodológica, o que faz com que Machado subdivida o capítulo dedicado ao autor a partir de três pontos: “[...] o conhecimento científico, a descontinuidade histórica e a normatividade epistemológica” (MACHADO, 1982, p. 14).

Vera Portocarrero, por sua vez, reflete acerca das ciências da vida que não visa partir da história dessas ciências, já que não se pretende definir uma

[...] verdade ontológica essencial da vida, nem a verdadeira lógica da ciência, mas a historicidade das

ciências da vida. Trata-se, antes de analisar formas de problematizá-la em nossa sociedade (PORTOCARRERO, 2009, p. 8).

Nesse sentido, o campo da epistemologia para a autora vai ser situado como aquele que permite o estudo das construções de verdades realizadas pelas ciências da vida em movimento, “[...] apontando rupturas, explicitando a atualidade desta construção [da verdade] e tornando-a compatível com o pensamento filosófico” (PORTOCARRERO, 2009, p. 8).

Ambos os autores (MACHADO, 1982; PORTOCARRERO, 2002, 2009) consideram a relação dos estudos epistemológicos de Canguilhem com a arqueologia foucaultiana, o que não nos cabe diferenciar aqui por não ser o foco desse trabalho. Também cabe acentuar que, inspirados na epistemologia canguilheana, os autores apresentam estudos, visando mostrar a natureza do pensamento filosófico que está sempre em movimento e apontam como uma necessidade, se não de toda pesquisa, pelo menos dos desdobramentos reflexivos, conforme suas proposições, pois cabe assinalar: “[...] a filosofia questiona aquilo que, em seu próprio pensamento, pode ser mudado através do exercício com outros saberes” (PORTOCARRERO, 2009, p. 9).

Nesse contexto, em Machado (1982), a história das ciências a partir de Canguilhem não deve ser percebida como uma busca incessante de precursores, visando legitimar pelo passado a novidade do presente, pois “[...] a ciência não pode ser encarada como um fenômeno natural ou cultural como outros” (MACHADO, 1982, p. 20).

Desse modo, se a ciência não pode ser encarada como natural é porque, para Machado (1982), a ciência não deve ser vista como algo dado, pois se trata de um objeto construído, produzido e, também, não se pode reduzi-la à ‘naturalização’ do aspecto institucional, porque “[...] naturalizar a ciência é confundi-la com seus resultados e, pior ainda, com os cientistas” (MACHADO, 1982, p. 20). Isso porque, para o autor, a ciência é essencialmente discurso, um conglomerado de proposições articuladas sistematicamente, sendo um tipo específico de discurso, aquele que tem a pretensão da verdade; ou, em nossos termos, um discurso alçado pelo efeito de verdade. Porém, o autor assinala um deslocamento importante nas discussões de Canguilhem: “[...] a ciência não reproduz uma verdade; cada ciência produz a sua verdade. Não existem critérios universais ou exteriores para julgar a verdade de uma ciência” (MACHADO, 1982, p. 21). Assim, na epistemologia de Canguilhem, recorre-se continuamente à afirmação de que

[...] só no interior da ciência tem sentido colocar a questão da verdade. A ciência não é a comprovação de uma verdade que ela encontraria ou desvelaria. Também é inteiramente despropositado procurar fundar a verdade nas faculdades de conhecimento ou em uma realidade ontológica. [...] Por outro lado, relacionar intrinsecamente ciência e verdade não significa dizer que todo discurso científico seja necessariamente verdadeiro. Toda ciência é constituída de proposições verdadeiras e falsas. O erro tem uma positividade. ‘Um verdadeiro sob o fundo de erro, esta é a forma do pensamento científico’, diz Bachelard (MACHADO, 1982, p. 20).

A centralidade do termo ‘conceito’ em Canguilhem emerge nas discussões de Machado e Portocarrero, quando ambos concordam que “[...] cada ciência é um objeto específico, um objeto discursivo, que tem suas características, seus critérios e sua historicidade” (MACHADO, 1982, p. 25), já que, sem os conceitos, não há ciência, pois não se realiza uma

[...] atividade axiológica, e a história das ciências é, por excelência, uma busca da verdade. Contudo, a história das ciências não pode ser uma ciência e seu objeto não pode ser científico (PORTOCARRERO, 2002, p. 5).

Nesse contexto, o ‘conceito’ não é uma palavra, mas uma denominação que implica uma definição inerente a um objeto que é continuamente deslocado e reconstruído na história das ciências, a fim de que se torne capaz de

[...] interpretar as observações e as experiências. É uma interpretação; não existe propriamente falando a não ser onde existe, pelo menos um esboço, uma relação entre um *definens* e um *definiendum* (PORTOCARRERO, 2002, p. 2).

A descontinuidade da história inerente ao estudo da (história da)s ciências traz uma contribuição importante dos estudos canguilheanos: a de que a ciência não se restringe aos conceitos. Por isso, tanto em Portocarrero (2002, 2009) quanto em Machado (1982) é o conceito que garante a eficácia teórica ou o valor cognitivo da ciência, uma vez que a teoria consiste em um conjunto de conceitos sistematizados, mas os estudos da história da ciência não se esgotam na questão do conceito, estendendo-se para a noção de descontinuidade.

Dessa forma, a epistemologia procura explicitar as inter-relações conceituais que apontam para a relação de vários conceitos entre si em uma mesma teoria ou em teorias diferentes e até mesmo com saberes não científicos, posto que um conceito não se restringe ao interior de determinada ciência, podendo existir até mesmo antes de se tornar científico

(CANGUILHEM, 1977). A descontinuidade revela a ciência como um campo processual em constante devir. O fato é que a história das ciências é a história de seu progresso, revela Canguilhem (1977), inspirado em Bachelard, o que faz com que a história das ciências seja necessariamente a “[...] determinação dos sucessivos valores de progresso do pensamento científico” (MACHADO, 1982, p. 32).

Pensar que a ciência se mede a partir do progresso de um saber que vai sobrepondo outro saber, ‘ultrapassando-o’, faz com que seja negligenciado o terreno das descontinuidades, visando depreciar, a partir da atualidade, a forma como se tornaram obsoletas as postulações anteriores do saber científico. Ao perceber o progresso das ciências como descontínuo, Canguilhem vai apresentar a história das ciências como sendo conceptual, fazendo com que a história epistemológica critique o mito do precursor e a aproximação histórica dos discursos heterogêneos (CANGUILHEM, 1977).

Ao afirmar que o progresso das ciências é descontínuo, Canguilhem (1977) vai inscrever-se sob a égide do pensamento de Bachelard, para quem a história de uma ciência ocorre por meio de rupturas sucessivas, sendo o progresso, nesta perspectiva, não evolutivo, mas dialético. Isso porque

[...] o progresso não é o germe desde o mais longínquo passado, a mais distante origem e evolui linearmente até a atualidade; não é tampouco um aumento de volume por justaposição (MACHADO, 1982, p. 34-35),

já que a história do pensamento científico “[...] se desenrola como um processo de reorganização incessante de suas bases” (MACHADO, 1982, p. 37).

No contexto das descontinuidades, encontra-se assinalado, no âmbito dos estudos canguilhemianos, o conceito de normatividade epistemológica (MACHADO, 1982). Isso quer dizer que a história das ciências não pode abster-se de perceber a ciência a partir de valorações. Esses direcionamentos são percebidos não apenas no campo da história das ciências, mas também na constituição das ciências em geral, visto que podemos perceber (des)contínuos julgamentos acerca dos modos de observar e construir o aparato analítico epistemológico através dos tempos. Dessa forma, para Bachelard (que foi sucedido em 1955 por Canguilhem, na Sorbone, na função de diretor do Instituto de História das Ciências e das Técnicas da Universidade de Paris, onde o segundo permaneceu até 1971), julgar a ciência é procurar

[...] distinguir o erro e a verdade, o inerte e o ativo, o nocivo e o fecundo, é examiná-la no que diz respeito

à sua cientificidade, à racionalidade científica; é, portanto, avaliá-la quanto à produção da verdade (MACHADO, 1982, p. 45).

Seguindo este raciocínio, Machado (1982) e Portocarrero (2002; 2009) assinalam em seus estudos que não há existência de critérios de cientificidade válidos universalmente como também apontam, a partir de Canguilhem, para a inexistência de tempos homogêneos e cronologicamente estabelecidos no campo da ciência.

Somada aos estudos acerca dos conceitos enquanto inter-relacionados a outros conceitos e ao estudo das descontinuidades, podemos inferir que a normatividade epistemológica pode lançar luzes, então, aos modos de perceber a constituição das ciências em geral a partir dos deslocamentos, das reiterações, das problematizações inerentes a toda construção do saber científico. Vejamos então como os estudos canguilhemianos podem dialogar com os estudos da linguística indisciplinar enquanto campo de estudos na atualidade.

Canguilhem e a Linguística Indisciplinar: deslocamentos e problematizações possíveis

O termo ‘indisciplinar’ é utilizado por Moita Lopes em um livro que se propõe a fomentar a problematização do campo de atuação da Linguística Aplicada (doravante apenas LA). Ele aparece, inclusive, no título do livro referido (ao qual são acrescentados outros termos como ‘mestiça’ no bojo das discussões da área, por exemplo) e popularizou-se no exterior a partir das discussões do professor de Sociologia da Sorbone, de Paris, Guy Oliver Faure. Para Faure, as práticas de pesquisa interdisciplinares, devido ao fato de não constituírem disciplinarizações específicas, constituem, na verdade, INdisciplina, suscitando, assim, problemas institucionais (MOITA LOPES, 1998).

Graças aos agenciamentos, no sentido foucaultiano do termo, e às clivagens produtoras de curtos-circuitos que abrem para o novo e o possível, tais constructos passam de instrumento a objeto de reflexão, sempre prestes a diferirem, a se transformarem, quando não a se racharem completamente em função de questões e interesses novos e específicos. E, a exemplo do que ocorre também em outras áreas do conhecimento, muitos dos agenciamentos e clivagens nesse processo se dão de forma transversa às configurações tradicionais das disciplinas, ou seja, em percursos transdisciplinares de investigação (SIGNORINI, 1998, p. 90).

Situando-se na perspectiva dos estudos transdisciplinares, de acordo com Signorini e Cavalcanti (1998), a LA percebida sob o viés crítico

manifesta alguns deslocamentos e redirecionamentos que extrapolam as noções de um campo que se intitula entre disciplinas. Dessa forma,

[...] os termos em que se coloca hoje a questão [...] não têm mais como referência única os princípios científicos clássicos de redução do complexo ao simples, da diversidade a uma unidade fundamental, do dinâmico e do instável ao isomorfo e estático. Na medida em que esta é uma questão que se impõe pela natureza dos objetos de interesse na área e pela prática dos que nela trabalham, a legitimidade que se busca agora é justamente a de uma prática científica de investigação do diverso, do complexo e do instável ou provisório, a exemplo do que ocorre em outros campos de produção do conhecimento científico. Nos termos de Evensen, trata-se, pois, de discutir a lógica da pera, mas não mais visando o cálculo do que na pera é ou não maçã (SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998, p. 8).

Essas reflexões vêm ao encontro das postulações de Canguilhem no campo de estudos da história das ciências a partir do momento em que ele tece uma crítica às valorações que pressupõem 'inerentes' a toda constituição do saber científico que, olhando para o passado a partir do presente e do estado atual das ciências, se busca aquilo que foi sendo 'substituído' pelo que veio depois, tornando-se 'ultrapassado'. Para Canguilhem, a história das ciências não é feita de um aglomerado de conceitos cronologicamente estabelecidos que vão se sobrepondo a outros. Assim, remetendo-nos agora a Foucault (2008), o 'momento presente' vai ser transformado segundo interrogações que colocam esse momento a partir de um processo histórico geral do qual a filosofia que não pode mais desvincular-se desta questão vai ser utilizada, na medida em que ela é a base de onde partem as interpretações possíveis da história decifrada com as condições do pensamento atual, revelado a partir da emergência histórica que o constituiu como tal.

A aproximação que aqui se propõe entre Canguilhem e as contribuições do que viria a ser na atualidade o campo de investigações de uma linguística preside na associação que visamos trazer acerca de temas como a descontinuidade - tema caro para ele, que foi elaborado por Koyré e Bachelard - e se faz presente na proposta que prevê o redirecionamento de perspectiva a partir da questão que se impõe devido à especificidade dos objetos de interesse na área levando, assim, em consideração a prática dos que nela trabalham (SIGNORINI; CAVALCANTI, 1998). Assim, em Canguilhem, a identificação de descontinuidades não é nem um postulado nem um resultado, mas um *modus operandi*, "[...] porque ele é requisitado pelo próprio

objeto do qual deve tratar" (FOUCAULT, 2008, p. 359). Isso porque

[...] a história das ciências não é a história do verdadeiro, de sua lenta epifania; ela não poderia pretender relatar a descoberta progressiva de uma verdade inscrita desde sempre nas coisas e no intelecto, salvo se se pensasse que o saber atual a possui finalmente de maneira tão completa e definitiva que ele pode usá-la como padrão para mensurar o passado (FOUCAULT, 2008, p. 359).

Se Canguilhem, ao criticar a história que considerou (e considera ainda, em alguns casos) a ciência a partir do estudo dos 'sábios' da época, assinalando apenas o modo de operar desses 'sábios' sobre a ciência do passado como um desdobramento da ciência atual, como se o passado fosse apenas "[...] o sócio da interrogação retrospectiva [...]" (CANGUILHEM, 1977, p. 13), ele está apontando para a redução dos fatos passados a uma investigação mais ou menos desenvolvida ou compacta dos antecedentes da atualidade. Mas ele vai trazer uma problematização que propõe um deslocamento, pois "[...] o passado de uma ciência atual não se confunde com esta mesma ciência no seu passado" (CANGUILHEM, 1977, p. 15), já que

[...] um modelo definitivo atual, retroativamente aplicado como pedra de toque universal, não é uma seletiva projeção de luz sobre o passado, mas uma espécie de cegueira para a história (CANGUILHEM, 1977, p. 21).

Desse modo, ao propor um elo dialógico (que não deixa de entrever as especificidades dos estudos aqui referidos em associação, ao mesmo tempo em que suscita tensionamentos e redirecionamentos noutra campo) entre os estudos de Canguilhem acerca da natureza do objeto de estudo da história das ciências e o campo da LA, entendemos que, assim como para Canguilhem, o historiador não encontra seu objeto dado na realidade dos acontecimentos, mas concebe seu objeto, articulando o contexto de ideias em que este pode vir a ser inserido através da história (CANGUILHEM, 1977). Algo semelhante é mencionado por Pennycook acerca da natureza da linguística crítica na atualidade:

Não quero passar a impressão de estar oferecendo uma nova receita. Pelo contrário, meus objetivos são os de ampliar as possibilidades para investigarmos questões de linguagem e de educação. Precisamos repensar o que queremos dizer quando nos referimos à linguagem, investigar as circunstâncias específicas que nos levaram aos nossos conceitos atuais e ver como, ao adotar uma concepção de discurso como um conjunto de sinais e práticas que

organizam a existência e a (re)produção sociais, podemos perceber a linguagem como fundamental tanto para manter como para mudar a maneira como vivemos e compreendemos o mundo e nós mesmos (PENNYCOOK, 1998, p. 43).

Partindo da questão das descontinuidades para a questão do conceito, poderíamos colocar em discussão o próprio termo, tanto em Canguilhem quanto no escopo da agenda de discussões da LA na atualidade. Em Canguilhem, 'conceito' não se define como aquilo ao qual a ciência se restringe, mas que atua como operador na produção do conhecimento científico, já que

[...] a teoria consiste em um conjunto de conceitos que formam um sistema, dentro do qual o conceito apresenta uma questão, a formulação de um problema, enquanto a teoria sua resposta (PORTOCARRERO, 2002, p. 2).

Cabe aqui uma explicação: a palavra 'resposta', tanto em Canguilhem quanto no campo de investigações da LA percebido enquanto campo indisciplinar, coloca-se no terreno do provisório, do multifacetado, do inconcluso e torna-se profundamente afetada por essa 'natureza', diferenciando-se da 'resposta' que buscavam os positivistas, por exemplo, uma vez que "[...] os conceitos não conhecem fronteiras epistemológicas. Podem se situar em diferentes ciências" (MACHADO, 1982, p. 26).

Neste contexto, se retomarmos o estudo de Gilles Deleuze e Guattari (1991) sobre a filosofia e a natureza dos conceitos, veremos que os autores declaram haver sempre uma abertura que a criação de conceitos permite, apontando para a contínua reformulação, de acordo com o 'espírito' das épocas em que os conceitos se situam. Isso ocorre, pois

[...] a verdade científica do presente é sempre um termo provisório, uma conclusão provisória; a recorrência também é provisória e transformável: ela se modifica com os critérios de julgamento (MACHADO, 1982, p. 51).

Temos, então, que as ciências passam a ser vistas, tal como Canguilhem (1977) afirmou, como terreno de recorrências a partir da incidência da multiplicidade de suas definições e redirecionamentos e a não fixação em normas rígidas, o que, para Machado (1982), não atesta uma insuficiência nem falta de rigor, mas a provisoriedade assumida por aqueles que tomam a responsabilidade de expandir horizontes em áreas que se ocupam de questões tão complexas como a LA ou a história das ciências de que se ocupou Canguilhem.

Voltamos à proposição de Moita Lopes (1998) na qual o autor caracteriza a nova LA como

INdisciplinar justamente para fazer oposição à tentativa por parte de alguns precursores da LA de manter a disciplina estável a partir de focos unilaterais. Por esse outro viés, a LA caracterizar-se-ia pelo encontro com outras áreas de saber, além de estabelecer contato social para além do próprio campo da(s) ciência(s). Segundo esse raciocínio,

[...] os adjetivos 'indisciplinar', 'mestiça' mostram uma 'nova AL', um palco no qual existem atravessamentos de fronteiras disciplinares, contestação de ideologias e mistura de disciplinas e conceitos. (SCHMITZ, 2008, p. 239, grifos do autor).

Assim, o INdisciplinar pode também ser percebido a partir da implicação de dois sentidos justapostos a uma outra grafia: (in)disciplinar. O primeiro, voltado para a problematização do campo, do objeto e das implicações teóricas assumidas e intercambiáveis, ou seja, engloba o campo semântico em que produz o efeito de sentido 'fazer perder a disciplina'; 'insubordinar-se'. O segundo, aquele que emerge a partir de uma correlação ao pensamento canguilheano, em que se torna possível inscrever a LA em uma outra ordem, no qual o prefixo 'in' deixar de levar ao sentido de negação para fazer emergir o sentido de 'inserir', 'levar para dentro'.

A partir do exposto, tomamos a formulação de Canguilhem acerca da normatividade epistemológica para pensarmos sobre a formação conceitual na qual se (re)estabelece a Linguística Aplicada. Cabe acentuar que, apesar de não haver hierarquização entre as disciplinas, preserva-se a regularidade no estabelecimento da configuração da área, o que ocorre de modo singular ao estabelecer intersecção entre diversos outros campos disciplinares. Disso temos a percepção do modo de operar próprio desse campo, ou seja, fazer-se (in)disciplinar configura-se no próprio fazer da disciplina LA.

Considerações finais: no caminho das reticências

Um trabalho de escrita que se propõe a investigar determinado campo de estudos, comparando-o a outro, não pode e nem deve se autodeclarar concluído. Devido ao espírito mesmo que emerge das discussões aqui aferidas, resta o alerta de Derrida sobre as palavras que vão ao encontro de e até mesmo de encontro a outras a partir de outros dizeres e leituras indefinidamente. Não pretendemos, portanto, esgotar a discussão, mas fazer com que autores de tempos diferentes dialoguem entre si com todas as responsabilidades que isso impõe.

Sabemos que, entre a história das ciências e os modos como vai se assentando o campo de estudos

da Linguística Aplicada desde a década de 1990 até a atualidade no terreno das desconstruções, dos deslocamentos e das rupturas epistemológicas que se propõem, há distinções, singularidades, mas estas particularidades não impedem que o diálogo se estabeleça no que faz tergiversar o âmbito da descontinuidade, dos conceitos e das recorrências aí assinalados. É preciso, então, levar em consideração estas descontinuidades, mesmo que isso implique correr o risco de andar em círculos no deserto, longe de conforto ou redenção, neste caso, possibilitados por outra visão, cronologicamente estabelecida, de ciência enquanto terreno de avanços progressivos de evolução contínua, contra a qual Canguilhem se situa.

Nesse sentido, cabe acentuar que, entre as heranças que Derrida nos legou, resta a de que a inconclusão é inevitável (SILVEIRA, 2014). Sendo assim, temos o caminho das reticências para que elas possibilitem novos questionamentos e possam instigar os leitores do presente trabalho e suscitar outras reflexões acerca do que aqui foi discutido. Sobretudo, neste trabalho, a espelho das condolências prestadas por Foucault em 1985 ao mestre Canguilhem, procuramos demonstrar a atualidade de seus estudos fora do campo em que eles se apresentaram, para ampliar o alcance de suas reflexões. Resta, então, o retrato de um dos alunos de Canguilhem, Bertrand Saint-Sernin, retomado por Roudinesco (2007), que deixamos à guisa de uma inconclusão que não visa esgotar o pensamento desse autor, mas fazer reviver, através da memória do estudante, a presença daquele que foi um dos mais importantes pensadores do Ocidente:

Ele foi admirado, temido, imitado, amado, mas igualmente cortejado e criticado. Teve socialmente mais poder do que sua ética lhe permitia possuir; e menos brilho imediato porque, por momentos e por uma razão enigmática, domou o seu gênio. Acho que não se julgava digno do dom que é o pensamento, e repelia, graças a uma humildade sem fundamento, mas inextirpável, a evidência de que possuía grandeza aos olhos dos outros. Entretanto, quando analisava um autor ou, como fazia com incansável disponibilidade, ajudava um estudante ou pesquisador a descobrir seus interesses ou sua vocação, manifestava um faro ao mesmo tempo vital e espiritual (ROUDINESCO, 2007, p. 43).

Referências

CANGUILHEM, G. **Ideologia e racionalidade nas ciências da vida**. Tradução Emília Piedade. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DELEUZE, G.; GUATTARY, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.

EVENSEN, L. S. A linguística aplicada a partir de um arcabouço com princípios caracterizadores de disciplinas e transdisciplinas. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 73-88.

FOUCAULT, M. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade Vol. I: a vontade de saber**. 3. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade Vol. II: o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade Vol III: o cuidado de si**. 3. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 8. ed. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. A vida, a experiência e a ciência. In: FOUCAULT, M. (Ed.). **Ditos & Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. 2. ed. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 353-366.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2012.

MACHADO, R. A história epistemológica de Georges Canguilhem. In: MACHADO, R. (Ed.). **Ciência e saber: a trajetória arqueológica de Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 15-54.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 101-114.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PENNYCOOK, A. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46.

PORTOCARRERO, V. O objeto da história das ciências: conceitos e forças. **Reflexão**, v. 1, n. 81, p. 11-17, 2002.

PORTOCARRERO, V. **As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

ROUDINESCO, E. Georges Canguilhem; uma filosofia do heroísmo. In: ROUDINESCO, E. (Ed.). **Filósofos na tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 13-59.

SCHMITZ, J. R. Por uma lingüística aplicada indisciplinar [resenha]. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 1, p. 4-10, 2008.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. Introdução. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 7-18.

SILVEIRA, E. L. Agir na urgência e decidir na incerteza: sobre a sociedade multimodal e a formação de professores.

Revista Eletrônica Interdisciplinar, v. 1, n. 11, p. 19-23, 2014.

Received on January 15, 2015.

Accepted on April 29, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.